LUMEN ET VIRTUS
ISSN: 2177-2789

APRENDIZAGEM DIALÓGICA COMO NECESSIDADE DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA E SUAS INFLUÊNCIAS PARA ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL DOS ANOS FINAIS

DIALOGICAL LEARNING AS A NEED OF CONTEMPORARY SOCIETY AND ITS INFLUENCES ON STUDENTS IN THE FINAL YEARS OF ELEMENTARY SCHOOL

EL APRENDIZAJE DIALÓGICO COMO NECESIDAD DE LA SOCIEDAD CONTEMPORÁNEA Y SUS INFLUENCIAS EN LOS ALUMNOS DE LOS ÚLTIMOS AÑOS DE LA EDUCACIÓN PRIMARIA

https://doi.org/10.56238/levv16n52-019

Data de submissão: 06/08/2025 **Data de publicação:** 06/09/2025

Debora Bastos Pereira Neves
Licenciada em Letras
Instituição: Faculdade de Tecnologia e Ciências - (FTC)
E-mail: deborabpneves@gmail.com

RESUMO

O processo de ensino baseado nas relações de interação e diálogo potencializam as aprendizagens dos estudantes, pois, estamos todos, continuamente em diálogo com o mundo, e nessa dinâmica, criamo-nos e recriamo-nos. Nesse sentido, a dialogicidade não pode ser reduzida a um simples método ou estratégia educacional, nem tampouco a uma pura tática de indivíduos “para alcançar resultados”. Ela é uma exigência da natureza humana e também uma demanda a favor da opção democrática do educador. Para que as práticas de ensino sejam qualificadas, levando em consideração a concepção dialógica da aprendizagem, pressupõe-se que educadores tenham a oportunidade de se atualizar e aprimorar suas habilidades, no que concerne ao ensino dialógico, interativo e reflexivo, a partir de formação continuada. Dessa forma, se tornam mais capacitados para enfrentar os desafios atuais da sala de aula e atender às necessidades dos alunos. Portanto, este artigo tem como objetivo suscitar reflexões em torno da aprendizagem dialógica como uma necessidade da sociedade contemporânea, a fim de fortalecer o processo de ensino-aprendizagem para o público de estudantes do ensino fundamental dos anos finais.

Palavras-chave: Aprendizagem Dialógica. Interação. Formação Docente. Renovação das Práticas Educativas.

ABSTRACT

The teaching process, based on relationships of interaction and dialogue, enhances student learning, as we are all continually in dialogue with the world, and in this dynamic, we create and recreate ourselves. In this sense, dialogicity cannot be reduced to a simple educational method or strategy, nor to a mere tactic of individuals "to achieve results." It is a requirement of human nature and also a demand for the educator's democratic choice. For teaching practices to be qualified, taking into account the dialogic conception of learning, it is assumed that educators have the opportunity to update and improve their skills regarding dialogic, interactive, and reflective teaching through ongoing training. This way, they become better equipped to face current classroom challenges and meet student needs. Therefore, this

article aims to spark reflections on dialogic learning as a necessity in contemporary society, in order to strengthen the teaching-learning process for students in the final years of elementary school.

Keywords: Dialogic Learning. Interaction. Teacher Training. Renewal of Educational Practices.

RESUMEN

El proceso de enseñanza, basado en relaciones de interacción y diálogo, potencia el aprendizaje del alumnado, ya que todos dialogamos continuamente con el mundo, y en esta dinámica nos creamos y nos recreamos. En este sentido, la dialogicidad no puede reducirse a un simple método o estrategia educativa, ni a una mera táctica individual para lograr resultados. Es una exigencia de la naturaleza humana y también una exigencia de la elección democrática del educador. Para que las prácticas docentes sean cualificadas, teniendo en cuenta la concepción dialógica del aprendizaje, se asume que los educadores tienen la oportunidad de actualizar y mejorar sus habilidades en materia de enseñanza dialógica, interactiva y reflexiva mediante la formación continua. De esta manera, se encuentran mejor preparados para afrontar los retos actuales del aula y satisfacer las necesidades del alumnado. Por lo tanto, este artículo pretende suscitar reflexiones sobre el aprendizaje dialógico como una necesidad en la sociedad contemporánea, con el fin de fortalecer el proceso de enseñanza-aprendizaje del alumnado de los últimos años de primaria.

Palabras clave: Aprendizaje Dialógico. Interacción. Formación Docente. Renovación de Las Prácticas Educativas.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, é impossível dissociar educação do contexto de sociedade da informação. Desta forma, pensar em sociedade da informação, de acordo às ideias de Aubert et al (2018), nos convoca a refletir sobre as relações contemporâneas num mundo globalizado, o qual as pessoas vivem um aumento acelerado de opções e, consequentemente, decisões a serem tomadas, o que exige que, cada vez mais a comunicação e o diálogo façam parte dos novos valores e normas que precisam estar inseridos nesta supracitada sociedade. E por sua vez, pensar em educação na atualidade, é associar toda essa dinâmica vigente de um novo modelo social para apreender o conhecimento e a informação de maneira que se tenha sentido, de forma que os sujeitos envolvidos no processo educativo tenham condições de lidar com as situações do mundo real, sendo protagonistas da sua própria aprendizagem, a fim de que os conhecimentos adquiridos sejam utilizados na sua vida cotidiana, tornando-os indivíduos emancipados e munidos de criticidade e proatividade, capaz de serem agentes transformadores da realidade, com vistas ao que se pretende alcançar.

Percebe-se dessa maneira, que a informação circula livremente, o tempo todo, em nossa sociedade. Porém, no âmbito educacional, ainda se faz necessário que a informação se transforme em conhecimento e que o mesmo seja utilizado no dia a dia dos estudantes, de seus familiares, do entorno escolar, enfim, que a aprendizagem no âmbito escolar seja efetiva e capaz de gerar conhecimentos que possam transformar os sujeitos inseridos neste contexto.

Diante disso, importa pensar que as interações vivenciadas nos espaços educativos favorecem não apenas a aprendizagem, promovida pela interação entre alunos, seus pares e comunidade, mas favorecem concomitantemente o enfraquecimento das desigualdades sociais, que se configuram na sociedade, e estão presentes em todas as esferas, inclusive no espaço escolar. Sendo assim, as interações trazem impactos positivos nas aprendizagens dos alunos, como relata Aubert et al (2018), quando afirma que o conhecimento é criado em situações de interação entre pessoas diferentes, que contribuem com seus saberes, experiências, vivências e sentimentos. Quando isso acontece, pode-se atestar que a aprendizagem resultante desses processos, por um lado, transforma o que as pessoas sabiam antes de participar desse diálogo, porque amplia e torna mais complexo o conhecimento e, por outro lado, promove transformação de si próprio, e do seu entorno sociocultural.

Essa abordagem evidencia os princípios da aprendizagem dialógica, que alicerçam o Projeto denominado Comunidade de Aprendizagem, pautado na Pesquisa INCLUD-ED (2012), realizada pela Universidade de Barcelona (2012), citado também por Aubert et al (2018). O Projeto afirma que as relações de poder produzem desigualdades, porém o entendimento sobre o diálogo igualitário, a igualdade de diferenças e a solidariedade, bem como a valorização do conhecimento cultural, podem produzir o conhecimento instrumental- este último, ainda mais valorizado pela sociedade atual- e dessa forma gerar a transformação dos atores da escola e do seu entorno, a partir dos resultados positivos

que se manifestam através dessa nova forma de pensar e agir. À vista disso, quando se compreende que as relações entre os diferentes atores da escola devem ser orientadas por esses princípios de interação e dialogicidade, é certo que haverá transformações na qualidade do ensino, pois, as relações de poder dão espaço às relações dialógicas e igualitárias, produzindo mudanças permeadas na ética e na responsabilidade.

Este texto objetiva-se a refletir sobre a aprendizagem dialógica na contemporaneidade, como uma concepção de aprendizagem que se opõe ao fundamentalismo dialógico. Essa abordagem torna-se cada vez mais necessária neste século, diante das constantes transformações da sociedade e exigências em torno de um novo modelo de ensino-aprendizagem, especialmente para os estudantes dos anos finais do ensino fundamental, que correspondem à fase da adolescência, a qual, o individualismo dentro desse processo pode trazer prejuízos e limítrofes ao desenvolvimento estudantil. Desta forma, faz-se necessário responder o seguinte questionamento: como lidar com as fragilidades de aprendizagens dos alunos do ensino fundamental dos anos finais, sem oportunizar a interação e a comunicação no processo de aprendizado?

Pensando nesta problemática, percebe-se que a aprendizagem dialógica pode acontecer numa perspectiva de detrimento das práticas tradicionais, em que a organização das salas de aula, o currículo escolar, a cultura da valorização hegemônica e a postura do professor como detentor do saber já não correspondem mais às necessidades da sociedade da informação. Dessa maneira, a nova concepção comunicativa da educação precisa ganhar espaço para que se efetive um novo modelo educativo para corresponder às expectativas de aprendizagens dos sujeitos na atualidade.

2 METODOLOGIA

Este estudo utiliza-se de uma abordagem bibliográfica e documental, considerando a leitura de alguns artigos científicos, relatório de pesquisa e obras consideradas clássicas e de grande relevância para a reflexão sobre uma concepção de educação para a renovação das práticas educativas, apoiando-se especialmente em Aubert et al (2018), que trata da aprendizagem dialógica como uma nova concepção de ensino. Também tem como base o artigo de António Nóvoa (2018) que aborda sobre a formação de professores num tempo considerado de metamorfose da escola. Utiliza-se também das ideias de Paulo Freire (2002) e (2020), como defensor já dantes da democratização do ensino como maneira de emancipação dos sujeitos na sociedade.

3 A POTENCIALIZAÇÃO DO ENSINO A PARTIR DE PRÁTICAS EDUCATIVAS INTERATIVAS

É fato que, a sociedade contemporânea tem modos distintos de se relacionar em comparação à sociedade de duas ou três décadas atrás. O avanço da industrialização, da tecnologia, o acesso à

informação, a conquista de direitos humanitários são apenas alguns fatores que agem num processo de transformação social. Diante desses avanços e conquistas, uma nova forma de se relacionar vai se delineando ao longo do tempo. As relações de poder nas famílias, no trabalho, na escola ou em outros espaços vão se transformando para dar lugar ou exigir cada vez mais, relações dialógicas, nas quais as pessoas têm cada vez mais necessidade de expor suas ideias, escolhas e condições para se tomar decisões de maneira mais compartilhada e assertiva.

Todas essas mudanças também atingem a escola, pois percebe-se que os estudantes também sentem a necessidade de terem poder decisório dentro do processo de ensino-aprendizagem:

> Da mesma forma, essas mudanças atingem a escola e, diretamente, a sala de aula. O professor e a professora também não representam mais a autoridade incondicional que representavam há algumas décadas, e as crianças e os jovens, enquanto estudantes, também querem ter o poder decisório, não aceitando tudo que a professora ou o professor lhes diz. (Mello; Braga; Gabassa, 2018, p.37).

É comum, que para muitas pessoas, essas mudanças que alavancam poder nas decisões dos estudantes, não sejam vistas como algo positivo ou até mesmo, não sejam aceitas. Esse processo de diálogo, reflexão e decisão culmina na possibilidade de decidir mais livremente sobre que rumos tomar a cada momento, levando em consideração diferentes argumentos, enfraquecendo dessa forma, as relações de poder. No contexto escolar, esses novos rumos para uma aprendizagem pautada no diálogo e compartilhamento de decisões vai gerando o protagonismo estudantil, muito defendido atualmente pelas instituições educativas, especialmente quando atribuído ao público de adolescentes. Porém, ainda há muito que se repensar a prática educativa para que de fato, essas mudanças se concretizem para a formação de sujeitos protagonistas, cientes dos seus objetivos e deveres, diante da sociedade ou entorno pertencente. A esse respeito, os autores Aubert el al (2018) defendem que aprendizagem dos estudantes depende de todas as suas interações, seja no ambiente escolar, seja na família ou outro tipo de instituição ou grupo, e que as mesmas devem ser bem direcionadas para a obtenção de melhores resultados no que concerne no desenvolvimento do sujeito, enquanto agente social. Os autores, ainda, baseados na teoria do desenvolvimento sociocultural de Vygotsky, afirmam que o desenvolvimento cognitivo das pessoas está diretamente relacionado com a sociedade e a cultura a qual estão inseridos. Dessa forma, entende-se que as transformações sociais e culturais podem ser responsáveis por importantes mudanças que fazem a diferença nos níveis cognitivos das pessoas, produzindo igualdade e bem-estar entre os sujeitos:

> O fato de falar da mente em sociedade, da relação do desenvolvimento cognitivo com o contexto, mostra que as transformações sociais e culturais podem introduzir importantes mudanças no desenvolvimento cognitivo e contribuir para alcançar níveis maiores de igualdade e bem-estar. Por exemplo, estender a educação obrigatória e gratuita baseada no sucesso para todo o alunado aumentaria os níveis de aprendizagem de todas as pessoas, e isso traria benefícios para toda a sociedade. As mudanças sociais e culturais geram mudanças nas

> aprendizagens, por isso Vygotsky dá tanta importância à atuação e ao contexto. (Aubert et al, 2018, p.85).

Nesse sentido, levando em consideração a ideia de que a educação baseada no sucesso para todos os estudantes aumentaria os níveis de aprendizagem das pessoas, proporcionando resultados positivas para toda a sociedade, nos convoca a refletir, que para gerar mudanças nas aprendizagens, necessita primeiramente de mudanças educacionais fortemente satisfatórias, pautadas em práticas de interação, reflexão e diálogo igualitário, a fim de que todos os estudantes sejam capazes de avançar, cada vez mais, os seus níveis de aprendizado.

Considerando as defasagens de aprendizagem dos alunos, num contexto nacional, especialmente no período pós pandêmico, compreende-se a necessidade da implementação de práticas interativas no processo de ensino-aprendizagem. O Projeto Comunidade de Aprendizagem, fundamentado na Pesquisa INCLUD-ED (2012), realizada pela Universidade de Barcelona (2012), identificou tipos de organização de aula e práticas mais efetivas para gerar aprendizagens. Tais práticas, denominadas pelo projeto, de atuações educativas de êxito, defendem a premissa de agrupamentos de grupos heterogêneos, como melhor forma de agrupamento inclusivo, e rodas de leitura, onde cada estudante tem o direito de expor seu ponto de vista e reflexões, participando do processo de aprendizagem, recebendo mais apoio às suas necessidades. Nesse contexto, se há interação, há também o diálogo entre os participantes. Sobre esse diálogo, em que a intenção é favorecer a aprendizagem, Freire (1987) diz:

> Se é dizendo a palavra com que, 'pronunciando' o mundo, os homens o transformam, o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens. Por isto, o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca das ideias a serem consumidas pelos permutantes. (Freire, 1987, p.45).

Dessa forma, é possível perceber as contribuições que as práticas interativas, provindas de grupos interativos de estudo, rodas de leitura e conversas que promovam o diálogo e a reflexão, trazem aos níveis de aprendizagem dos estudantes. De acordo às ideias Mello, Braga e Gabassa "Nas escolas, o interesse comum é que todas as pessoas aprendam mais e melhore que todas as pessoas sejam entendidas como fonte inesgotável de conhecimentos, na diversidade de suas origens, experiências de vida e saberes"(2018,p.44).Para tanto, é fundamental considerar que todos os atores da ação educativa tenham o mesmo direito de expor suas ideias, argumentos e reflexões, a fim de que a aprendizagem seja efetivada, contribuindo dessa forma para o enfraquecimento da desigualdade educacional e social.

Nesse contexto, todos aprendem e são valorizados a partir do diálogo igualitário, que é um dos princípios da aprendizagem dialógica-concepção de educação elaborada a partir do giro dialógico ocorrido no final do século XX e que contempla a ideia, segundo Mello, Braga e Gabassa (2018), de

que a partir da ação comunicativa é possível as pessoas dialogarem em torno de uma determinada situação e buscar entendimento para resolução de problemas comuns, conquistando a superação a partir do acordo.

Diante disso, é necessário que a escola seja um ambiente que oportunize as relações que produzam aprendizagem e igualdade, a fim de promover o protagonismo dos educandos, bem como a melhoria dos espaços aos quais estão inseridos.

3.1 A FORMAÇÃO DOCENTE PARA PRÁTICAS EDUCATIVAS QUE CONTEMPLAM A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA E POTENCIALIZAM A APRENDIZAGEM DOS ADOLESCENTES

É comum vermos a sala de aula como espaço onde os alunos se encontram em cadeiras enfileiradas, à frente de um quadro, em turmas relativamente homogênea, sendo o professor o centro dessa cena. Esse, ainda é o modelo predominante de sala de aula que conseguimos ter. Imaginar essa organização e ao mesmo tempo pensar na concepção de aprendizagem dialógica nos leva a refletir sobre a necessidade de mudanças e quebra de paradigmas que precisamos enfrentar para que tenhamos uma educação que corresponda aos anseios da sociedade da informação.

Remeter-se a esse padrão de organização educacional, nos faz pensar, de acordo às ideias de Nóvoa, que:

> A escola parece perdida, inadaptada às circunstâncias do tempo presente, como se ainda não tivesse conseguido entrar no século XXI. É certo que algumas promessas do passado ainda precisam se cumprir, como oferecer escola pública de qualidade para todos. Mas a escola revela uma grande incapacidade de pensar no futuro. (Nóvoa, 2018, p.23).

No contexto da sociedade da informação, pensar o futuro, é pensar o presente. Diante desse contexto, Nóvoa (2018) afirma que mesmo a escola mantendo ainda hoje esse padrão tradicional de organização, num breve tempo assistiremos a uma complexa metamorfose da escola. O autor cita Morin (2011), que defende também essa transformação da escola, como uma alteração de sua forma, ou seja, uma nova origem da escola.

Para que a modificação educacional se concretize, é importante considerar as vozes dos principais atores envolvidos nesse processo, que é o estudante. A esse respeito, aqui no Brasil, em maio de 2023, o Ministério da Educação (MEC), lançou dentro do programa Pacto Nacional pela Recomposição das Aprendizagens, a escuta dos adolescentes das escolas públicas de todo país, a qual, seu maior objetivo era divulgar as formas como os adolescentes acreditam que aprendem melhor na escola. A Semana da Escuta das Adolescências foi promovida pelo MEC, em parceria com a UNDIME (União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação) e o CONSED (Conselho Nacional dos Secretários de Educação) e os resultados de cada rede de ensino foram divulgados e têm sido utilizados

por redes de muitos estados e seus municípios, a fim de identificarem lacunas no processo de ensino-aprendizagem e reformularem as práticas educativas, transformando-as em práticas que sejam mais efetivas para o ensino e gerem melhores resultados de aprendizagens aos alunos.

Considerando como parâmetro dessa escuta para a abordagem de como os estudantes acreditam que aprendem melhor na escola, foi analisado o item 5, nas respostas do 8º e 9º ano do ensino fundamental do estado da Bahia, no relatório de escuta, publicado pelo MEC. Nesse item intitulado *Formas de aprender melhor na escola* constata-se que, de 96.931 discentes que responderam a esse questionamento, as respostas mais recorrentes foram: que aprendem melhor a partir da interação além da escola, com um percentual de 28%, e por meio de trocas e debates com um percentual de 22%. Enquanto a opção de estudos individuais obteve apenas o percentual de 17% na aceitação desse público. Veja a tabela abaixo:

Tabela 1. Formas de aprender melhor na escola. Respostas do 8º e 9º ano do ensino fundamental, redes municipais e estaduais, do estado da Bahia, Brasil, 2024.

Exposição de conteúdo	17%
Projetos e resolução de problemas	19%
Interação além da escola	28%
Trocas e debates	22%
Estudo individual	17%
Comunicação e conectividade	16%

Fonte: BRASIL. Relatório do Questionário Individual - 8º/9º anos Semana da Escuta das Adolescências. Ministério da Educação (MEC), 2024.

Nota: Na nota técnica publicada juntamente com este resultado explica que nesta questão cada respondente poderia assinalar até três itens, portanto, a soma dos percentuais de cada categoria pode superar os 100%.

Confirma-se então, que boas e planejadas interações promovem resultados de aprendizagem satisfatórios, partindo do pressuposto que são maneiras de melhor aceitação entre quem estuda, e levando em consideração uma perspectiva da aprendizagem dialógica:

> A partir de uma concepção dialógica da realidade, as instituições educacionais não são algo dado, que existe independentemente de nós. As pessoas entraram em um acordo para criar uma instituição dedicada ao ensino e, para sua manutenção, também estabeleceram certas práticas de ensino e aprendizagem. Hoje, perante a inadequação do modelo educacional (teórico e prático) da sociedade industrial, temos a mesma capacidade para refletir sobre ele e introduzir as mudanças necessárias para recriar a escola e convertê-la em uma instituição eficiente *na e para* a sociedade da informação. Nós criamos a instituição educacional e podemos, agora, transformá-la. (Aubert et al, 2018, p.65).

Para tanto, há um grande desafio a ser cumprido para uma nova origem da escola. Mudar as bases que consolidam a organização de ensino pautada no fundamentalismo dialógico, que configuram práticas de ensino tradicionais, as quais favorecem a individualidade, não é tarefa fácil. Porém, é válido considerar a formação docente como ação transformadora dessa realidade.

Conforme Imbernón (2010, p.12) “essa necessária renovação da instituição educativa e esta nova forma de educar requerem uma redefinição importante da profissão docente e que assumam novas

competências profissionais no quadro de um conhecimento pedagógico, científico e cultural revistos". Assim, não é possível obter uma renovação profissional sem que haja formação para este fim. Diante disso, o autor reforça a ideia de que a formação docente promove a capacidade de refletir sobre os aspectos de atuação técnica, mas sobretudo, como processo coletivo para regular as ações, atenção e decisões sobre o ensino, promovendo a mudança da realidade, em busca do alvo desejado.

Nota-se, diante das reflexões, que há uma urgente necessidade de redefinição do papel docente para promoção da aprendizagem na sociedade da informação. Imbernónressalta que para a profissão docente não cabe mais o papel de transmissora de conhecimentos acadêmicos apenas. Nessa nova conjuntura, "a profissão exerce outras funções: motivação, luta contra a exclusão social, participação, animação de grupos, relação com estruturas sociais, com a comunidade." (Imbernón, 2010, p.14). E para isto, a formação assume papel preponderante, que transcende o ensino que pretende apenas a mera atualização científica e se transforma na possibilidade de formar o sujeito para adaptação da nova realidade, bem como agente transformador do meio em que vive.

Nesse sentido, a transformação se dá, em torno de uma ação educativa comunicativa em que as pessoas se põem a dialogar. A formação docente que visa essa mudança é um grande passo para a superação dos desafios que surgem no cotidiano da escola, especialmente aos desafios que concerne às aprendizagens das crianças e adolescentes e no desenvolvimento do seu protagonismo, que considere tanto às suas necessidades estudantis, quanto a sua superação social.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O maior desafio da escola é seguir consolidando um caminho o qual, todos os estudantes consigam trilhar para terem as mesmas possibilidades de desenvolvimento a partir da igualdade de oportunidades. Diante de gigantes desigualdades educacionais e sociais, esse pensamento se torna utopia. Porém, é de grande importância que sistema educacional e educadores reflitam a necessidade de torná-lo real.

A primeira tarefa da instituição de ensino, é ensinar. Por mais complexa e dinâmica que seja a sala de aula, isso não é algo impossível de ser cumprido. Portanto, há de se considerar um processo de ensino o qual todos tenham a oportunidade de aprender. É necessário coragem de todos os envolvidos nessa missão para a quebra de paradigmas que distanciam o ensino da aprendizagem, e implementem novas práticas permeadas na interação e no diálogo. Somente assim, é possível mudar os aspectos negativos das políticas educacionais pautadas em transmissão de conteúdos, estudos individualizados e mecânicos, provas, e, consequentemente, a exclusão de muitos.

A formação docente nessa perspectiva é de fundamental relevância. Quando os educadores têm a oportunidade de se atualizar e aprimorar suas habilidades, eles se tornam mais capacitados para enfrentar os desafios da sala de aula e atender às necessidades dos alunos. Dessa maneira, a formação

que aborda a concepção dialógica da aprendizagem tende a modificar as práticas que já não correspondem às necessidades do alunado do presente, dando espaço a um ensino que privilegie o diálogo, a interação, a igualdade de oportunidades, e assim, o desenvolvimento estudantil.

Nesse sentido, a educação que se compromete em modificar a realidade do alunado e do seu entorno, está relacionada com a mobilização de todos os recursos possíveis para transformar as dificuldades em possibilidades.

REFERÊNCIAS

AUBERT, A. *Aprendizagem dialógica na sociedade da informação*. **São Carlos:EduFSCar**, 2018.

BRAGA, F.; GABASSA, V.; MELLO, R. *Comunidades de Aprendizagem: outra escola é possível*. 1. ed. **São Carlos:EduFSCar**, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. *Resultados: Semana da Escuta das Adolescências nas Escolas*. Disponível em: https://semanadaescuta.org.br/resultados/estados. Acesso em: 5 ago. 2025.

COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM. *Guia completo: Comunidade de Aprendizagem.* Disponível em: https://www.comunidadedeaprendizagem.com/ead/. Acesso em: 5 set. 2022.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.* 29. ed. **São Paulo: Paz e Terra**, 1996.

IMBERNÓN, F. *Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza.* **São Paulo: Cortez**, 2010.

NÓVOA, A. Os professores e a sua formação num tempo de metamorfose da escola. ***Educação e Realidade***, Porto Alegre, v. 44, n. 3, p. 1-16, jun. 2018.

NÓVOA, A. Para uma análise das escolas do presente. *In*: NÓVOA, A.; FINGER, M. *A escola e o futuro*. **Porto Alegre: Penso**, 2018. p. 15-32.

UNIVERSIDADE DE BARCELONA. *Relatório includ-ed final: estratégias para a inclusão e coesão social na Europa a partir da educação*. Barcelona, 2012.